

VEREDAS

Revista da Associação Internacional de Lusitanistas

A AIL — Associação Internacional de Lusitanistas tem por finalidade o fomento dos estudos de língua, literatura e cultura dos países de língua portuguesa. Organiza congressos trienais dos sócios e participantes interessados, bem como copatrocinadora eventos científicos em escala local. Publica a revista *Veredas* e colabora com instituições nacionais e internacionais vinculadas à lusofonia. A sua sede localiza-se na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em Portugal, e seus órgãos diretivos são a Assembleia Geral dos sócios, um Conselho Diretivo, um Conselho Assessor e um Conselho Fiscal, com mandato de três anos. O seu património é formado pelas quotas dos associados e subsídios, doações e patrocínios de entidades nacionais ou estrangeiras, públicas, privadas ou cooperativas. Podem ser membros da AIL docentes universitários, pesquisadores e estudiosos aceites pelo Conselho Diretivo e cuja admissão seja ratificada pela Assembleia Geral.

Conselho Diretivo

Presidência: Roberto Vecchi, Universidade de Bolonha
presidencia@lusitanistasail.org

1ª Vice-Presidência: Cláudia Pazos-Alonso, Universidade de Oxford
vicepresidencia1@lusitanistasail.org

2ª Vice-Presidência: Elias J. Feijó Torres, Univ. de Santiago de Compostela
vicepresidencia2@lusitanistasail.org

Secretaria Geral: Vincenzo Russo, Universidade de Milão
secretariageral@lusitanistasail.org

Coordenação da Comissão Científica: Raquel Bello Vázquez, Centro Universitário Ritter dos Reis, comissao.cientifica@lusitanistasail.org

Coordenação da Comissão Editorial: Regina Zilberman, Univ. Federal de Rio Grande do Sul, comissao.editorial@lusitanistasail.org

Responsável pela Área de Comunicação: Roberto Samartim, Universidade da Corunha, comunica@lusitanistasail.org

Presidência do Conselho Assessor: Ettore Finazzi-Agrò (Universidade de Roma «La Sapienza») pte.conselho.assessor@lusitanistasail.org

Presidências Honorárias: Cleonice Berardinelli, UFRJ e PUCRJ; Helder Macedo, King's College London.

Conselho Assessor

Benjamin Abdala Junior (Universidade de São Paulo), Carlos Ascenso André (Instituto Politécnico de Macau), Manuel Brito-Semedo (Universidade de Cabo Verde), Manuel Ferro (Universidade de Coimbra), Natalia Czopek (Universidade Jaguelónica de Cracóvia), Roger Friedlein (Ruhr-Universität Bochum).

Conselho Fiscal

Carmen Villarino Pardo (Univ. de Santiago de Compostela), Helena Rebelo (Universidade da Madeira), Isabel Pires de Lima (Universidade do Porto).

Associe-se pela *homepage* da AIL: www.lusitanistasail.org

Informações pelo *e-mail*: secretaria@lusitanistasail.org

Veredas

Revista de publicação semestral

Volume 22 — 2º semestre de 2014

Diretora:

Raquel Bello Vázquez (Centro Universitário Ritter dos Reis, Brasil)

Conselho Redatorial:

Cândido Oliveira Martins (Universidade Católica Portuguesa, Portugal)

Maria Aldina Bessa Ferreira Rodrigues Marques (Universidade do Minho, Portugal)

Teresa Pinheiro (Technische Universität Chemnitz, Alemanha)

Conselho Científico:

Andrés Pociña López (Universidade de Extremadura, Espanha), Anna Maria Kalewska (Universidade de Varsóvia, Polónia), Antonio Augusto Nery (Universidade Federal do Paraná, Brasil), Axel Schönberger (Universidade de Bremen, Alemanha), Benjamin Abdala Junior (Universidade de São Paulo, Brasil), Carlos Ascenso André (Instituto Politécnico de Macau, Macau), Carmen Villarino Pardo (Universidade de Santiago de Compostela, Galiza), Clara Rowland (Universidade de Lisboa, Portugal), Cláudia Pazos-Alonso (Universidade de Oxford, Reino Unido), Cristina Robalo Cordeiro (Universidade de Coimbra, Portugal), Elias J. Feijó Torres (Universidade de Santiago de Compostela, Galiza), Ettore Finazzi-Agrò (Universidade de Roma «La Sapienza», Itália), Helder Macedo (King's College London, Reino Unido), Helena Rebelo (Universidade da Madeira, Portugal), Isabel Pires de Lima (Universidade do Porto, Portugal), Juracy Assman Saraiva (Universidade Feevale, Brasil), Laura Cavalcante Padilha (Universidade Federal Fluminense, Brasil), Manuel Brito-Semedo (Universidade de Cabo Verde, Cabo Verde), Manuel Ferro (Universidade de Coimbra, Portugal), Maria Luísa Malato Borralho (Universidade do Porto, Portugal), Natalia Czopek (Universidade Jaguelónica de Cracóvia, Polónia), Onésimo Teotónio de Almeida (Universidade de Brown, Estados Unidos), Pál Ferenc (Universidade ELTE, Hungria), Petar Petrov (Universidade do Algarve, Portugal), Regina Zilberman (Universidade Federal de Rio Grande do Sul, Brasil), Rejane Pivetta de Oliveira (Centro Universitário Ritter dos Reis, Brasil), Roberto Samartim (Universidade da Corunha, Galiza), Roberto Vecchi (Universidade de Bolonha, Itália), Roger Friedlein (Ruhr-Universität Bochum, Alemanha), Sebastião Tavares Pinho (Universidade de Coimbra, Portugal), Sérgio Nazar David (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil), Teresa Cristina Cerdeira da Silva (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil), Thomas Earle (Universidade de Oxford, Reino Unido), Ulisses Infante (Universidade Estadual Paulista, Brasil), Vera Lucia de Oliveira (Università degli Studi di Perugia, Itália), Vincenzo Russo (Universidade de Milão, Itália).

Redação:

VEREDAS: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas

Endereço eletrónico: veredas@lusitanistasail.org

Desenho da Capa: Campus na nube, Santiago de Compostela, Galiza

ISSN 0874-5102

SUMÁRIO

AURORA GEDRA LILIAN LOPONDO Esfinge Gorda: <i>via crucis</i> de deciframento e de dor.....	5
FÁBIO MÁRIO DA SILVA Os «estados melancólicos» na poesia da Marquesa de Alorna.....	17
LUCIA ROTTAVA ANTÔNIO MÁRCIO DA SILVA Da Tela ao Papel: a Retextualização como Recurso na Aquisição da Escrita em Português como Língua Adicional.....	25
MAÍRA CONTRUCCI JAMEL Garrett e o resgate do Teatro Português.....	39
MARCELO PACHECO SOARES Como apalpar o impalpável?! Leitura intertextual do conto kafkiano «A Pousada», de Agustina Bessa-Luís.....	49
ULISSES INFANTE Mário de Andrade e Murilo Mendes: leituras, releituras, contraleituras.....	61
HELENA REBELO Recensão: <i>Estudos de Corpora. Da Teoria à Prática</i>	73

Os “estados melancólicos” na poesia da Marquesa de Alorna

FABIO MARIO DA SILVA

Universidade de São Paulo/FAPESP
(Brasil)

RESUMO:

A obra poética da Marquesa de Alorna foi deveras (re)conhecida pelos seus contemporâneos em forma de manuscritos, visto que apenas após a sua morte vem a lume, através da responsabilidade de suas filhas, sua obra poética completa. Esta poesia é marcadamente revestida, entre outras coisas, de um tom inquietante que desemboca em versos que referem, muitas vezes, o lexema melancolia. Contudo, para a escritora tal vocábulo é revestido de várias facetas. Nossa proposta é analisar qual o entendimento poético de melancolia em sua obra, recorrendo a críticos que pensaram este conceito, para tentarmos perceber a dinâmica que esta palavra gera em sua poética.

PALAVRAS-CHAVE: Marquesa de Alorna; Melancolia; poesia.

ABSTRACT:

The poetic work of the Marchioness of Alorna was indeed recognized by her contemporaries in manuscript form since only after her death her complete poetic work comes to light, due to the responsibility of her two daughters. This poetry is markedly coated, among other things, with a disquieting tone that culminates in the lines that refer, many times, the lexeme “melancholy”. However, for the writer, that expression is coated with various facets. Our proposal is to analyze the poetical understanding of melancholy in her work, recurring to the critics that thought about this concept in order to try to perceive the dynamics that this word generates in her poetic work.

KEYWORDS: Marquesa de Alorna; Melancholic; poetry.

Data de recepção: 26/02/2014

Data de aceitação: 21/01/2015

Desde os textos fundadores da literatura europeia até aos textos contemporâneos, muitos romancistas, dramaturgos e poetas expressaram, através de sua escrita, um certo *taedium vitae* — múltiplas formas de representação e entendimento do estado de “melancolia”. Aristóteles, por exemplo, associa este vocábulo a um dom excepcional e, simultaneamente, à loucura, sugerindo haver uma tendência nos intelectuais para um certo entristecimento: “por que todos os homens que foram excepcionais no que concerne à filosofia, à política, à poesia ou às artes aparecem melancólicos, ao ponto de serem tomados pelas enfermidades oriundas da bílis negra” (ARISTÓTELES, 1998,

p. 81). As considerações de Aristóteles apoiam-se nos estudos de Hipócrates, que toma como exemplo comparativo os efeitos causados pela embriaguez com o vinho, que incita quem se encontra nesse estado a fazer coisas que em sobriedade não faria; sendo que o seu efeito é passageiro, apenas enquanto duram os efeitos da bebida, já a natureza (melancólica), por sua vez, mantém o indivíduo sempre no mesmo estado enquanto existência do próprio. Neste sentido, sobressai a noção de “sujeito melancólico” como aquele que está em um outro plano, situado consideravelmente distante do senso comum, fato que se deverá a uma pré-disposição que lhe é inerente.¹ Por seu turno, Samuel Tissot,² — refletindo através das afirmações de Hipócrates, Aristóteles, entre outros — acredita que as pessoas de letras têm uma tendência para desenvolver tal estado, uma vez que apresentam, logo à partida, uma predisposição para inquietações do espírito e, geralmente, vivem em espaços fechados, sem práticas de exercício físico, e negligenciando também sua convalescença, e nos quais “leur esprit étoit dans la plus complete dépendance du corps” (TISSOT, 1775, p. 255).

Hoje em dia o termo melancolia encontra-se muito ligado a um entendimento psicanalítico³ perpassado pelas noções de “depressão” e “depressividade”,⁴ conceitos desenvolvidos por Sigmund Freud, principalmente através do famoso texto “Luto e Melancolia”. Neste texto Freud explica que o “luto” significa o sentimento de o mundo se tornar pobre e vazio para um sujeito que enfrenta a perda de outrem; já a melancolia será um estado em que o seu próprio “eu” se torna inócuo, numa evidente aniquilação e neurose obsessiva que se volta para a própria pessoa (FREUD, 2010, p. 130-131).⁵

Na obra poética da Marquesa de Alorna este conceito vai alicerçar-se em outras noções e valores,⁶ como adiante veremos, mais próximas daquilo que seu quase contemporâneo Raphael Bluteau refere no *Vocabulario Portuguez e Latino*, obra na qual este lexema é descrito como tristeza originária de um humor melancólico com sua origem no pecado, referindo que a primeira vez que tal sentimento se refletiu no rosto de um homem foi quando Caim matou seu irmão. Sendo assim, a ideia de melancolia associa-se, em Bluteau, ao conceito de inveja, medo e ciúme, ao que o autor

¹ Felipe Castelo Branco faz reflexões pertinentes em torno dessas considerações de Aristóteles: “É, assim como a bílis negra, o vinho esfriado e bebido em uma quantidade muito grande, sendo capaz de levar a uma embriaguez muito profunda, relaxa e torna o homem fechado em si, frio, idealizado, taciturno, atímico e apático, assim como 'os que são tomados por fontes melancólicas'. A melancolia, em Aristóteles, é uma *doença* do corpo que cria um *ethos* capaz de possibilitar, no momento oportuno de sua instabilidade, as mais altas e valorosas emoções” (2009, p. 17).

² Trata-se de um dos médicos suíços mais importantes e conceituados do século XVIII (1728-1797). Foi professor e neurologista, também tendo escrito sobre a masturbação, doenças que atingiam os pobres e os ricos, bem como doenças do sistema nervoso.

³ Luciana Chaví-Berlinck explica que quando um psiquiatra contemporâneo deixa de empregar o vocábulo melancolia e passa à palavra depressão, isso deve-se à seguinte concepção: “seu horizonte teórico visa marcar a ruptura com a tradição médica (a antiga medicina dos temperamentos, dos humores e dos vapores), recusa a perspectiva aristotélica (tendendo a conservar a condenação medieval) ou do que por motivos completamente diferentes e sem referência religiosa oferece uma etiologia em que depressão é definida como desordem mental ou afetiva de tipo neuroquímico, cuja terapia deve ser de tipo psicofarmacológico” (2014, p. 40).

⁴ Conferir o trabalho de MATOS, 1980.

⁵ Aliás, Freud reforça, neste texto, a ideia de que a “Melancolia se caracteriza, em termos psíquicos, por um abatimento doloroso, uma cessação do interesse pelo mundo exterior, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade e diminuição de autoestima, que se expressa em recriminações e ofensas à própria pessoa e pode chegar a uma delirante expectativa de punição” (2010, p. 128). O luto exprimiria o mesmo estado, mas sem atingir a autoestima. Freud, desta forma, não vê o luto como um estado patológico, como compreende a melancolia, que condiciona a um afastamento da conduta normal da vida dos seus pacientes.

⁶ Maria Manuela Krühler refere que fica exposto em várias composições da Marquesa de Alorna “estados de alma melancólicos” (1998, p. 91). Porém, a pesquisadora não destrinça efetivamente quais são esses tipos de estado referidos.

acrescenta que “tudo o que eles vem os molesta. Quando lhes faltaõ motivos de sentimentos, a imaginação lhos ministra” (BLUTEAU, 1712-1728, p. 404). Contudo, é preciso ainda referir, antes de apresentarmos as *nuances* próprias da obra da escritora, que a maioria dos seus sonetos foram escritos durante a sua prisão no mosteiro de São Félix,⁷ em Chelas, nos arredores de Lisboa, como elucida Vanda Anastácio na introdução da edição brasileira da obra *Sonetos* da Marquesa de Alorna, que será utilizada para este trabalho (2007, p. 17).

Veja-se, primeiramente, que no soneto “Petição à melancolia para que se acabem certos dias de festa”, esta se assume como alegoria (uso retórico que visa produzir uma visualização do “significado” enunciado) que toma a forma de uma “Deusa tutelar da solidão” e de uma Ninfa que lhe priva o peito de sua “triste e doce companhia”. O “eu” lírico revela o seu amor descabido por esta personificação “Quem de amar-te só faz consolação” e, por isso, suplica-lhe a companhia:

Amável sombra, ó melancolia,
Aproxima-te, rouba-me a alegria
Que turba a suavidade do coração.
Atende, ó Ninfa, o rogo que te faço,
Não demores mais tempo o doce instante,
Os dias tristes, que eu tão triste passo. (ALORNA, 2007, p. 92)

A alegria perturba-lhe a “suavidade” do seu coração, ou seja, o sossego, por isso o sujeito lírico, no último terceto, sente-se entristecido. Invertem-se, assim, as noções de contentamento e descontentamento. Então, é com e na melancolia que o “eu” poético pretende sair do estado eufórico que o desassossega e lhe causa um sentimento penoso, procurando acalento ao seu coração no sentido de proclamar uma existência passiva e apazível, que só é possível na companhia desta personificação. Desta forma, a primeira noção de melancolia que encontramos na obra da Marquesa está ligada à ideia de sossego e tranquilidade.

Num outro soneto, sem título, o “eu” poético sente um pesar que não sabendo de onde lhe vem, por isso se interpela:

De que vem este mal? Um mal tão claro
Vem de um vago sentir que n’alma pesa:
Amor! Serás comigo sempre avaro?
Amor em mim é filho da tristeza!
Eu sinto o coração ao desamparo...!
Pune, ó Deus! pelas leis da natureza. (ALORNA, 2007, p. 97)

Neste caso, o mal sentido provém de uma ansiedade tão pungente que é interpretado como sendo causado pelo Amor, sentimento que, para o “eu” lírico, descenderá da infelicidade e que merece ser castigado (“Pune, ó Deus”). O Amor aqui expresso está associado ao desconforto que “o peito sente” invertendo, mais uma vez, as noções comuns de prazer e de desprazer. Esse martírio que lhe traz tristeza é descrito como algo duradouro:

⁷ Leonor de Almeida Portugal de Lorena e Lencastre foi encerrada, juntamente com sua mãe e irmã, em 14 de Dezembro, neste mosteiro aos 8 anos de idade, em 1758, aquando do atentado ao rei D. José I, ocorrido em 3 de Setembro. Seu pai, [João de Almeida Portugal, conde de Assumar](#), foi preso a 13 de dezembro como um dos suspeitos, sendo atribuída a responsabilidade de tentativa de regicídio aos Marqueses de Távora, avós maternos de Dona Leonor, a seus tios e ao Duque de Aveiro presos em 1758 e condenados em 1759. D. Leonor passará 18 anos na clausura (1758-1777), receberá mais tarde os títulos de Donatária de [Assumar](#), e [Condessa de Assumar](#), sucedendo ao irmão, o 3.º Marquês de Alorna, recebendo o título pelo qual ficou mais conhecida: Marquesa de Alorna. Por isso, Vanda Anastácio conclui que tais fatos marcarão para sempre a Marquesa: “A personalidade e a obra de D. Leonor de Almeida, que viveu de forma dramática a separação do pai e do irmão e se representará a si própria, na sua obra poética, como um ser triste, marcado pelo infortúnio, vítima do despotismo e da tirania” (2007, p. 19-20).

Com que horrores a pálida tristeza
 Cobre o círculo breve dos meus anos,
 Martiriza a sensível natureza! (ALORNA, 2007, p. 98)

Já em “Dizendo-me uma pessoa que eu nunca havia de ser feliz” é descrita uma situação de desengano, associada a um longo sofrimento de anos (certamente uma referência biográfica à sua clausura em Chelas),⁸ que evoca no “eu” lírico a renúncia à Esperança, outro sentimento aqui personificado que lhe traz tormento:

Esperança dum vão contentamento,
 Por meu mal tantos anos conservadas,
 É tempo de perder-vos, já que ousadas
 Abusastes de um longo sofrimento: (ALORNA, 2007, p. 110)

Acrescentando que:

Já não me iludirá um doce engano,
 Que trocarei ligeiras fantasias
 Em pesadas razões do desengano.
 E tu, sacra Virtude, que anuncias
 A quem te logra, o gosto soberano,
 Vem dominar o resto dos meus dias. (ALORNA, 2007, p. 100)

Para o sujeito poético a ilusão de um futuro vindouro, a esperança, é a mais cruel forma de sofrimento, maior ainda do que os pesados desenganos, restando apenas, como exortação e consolo, a imagem sacral da Virtude, companheira desejada, única capaz de lhe dar, ou a qualquer um que a invoque, o “gosto soberano”, quer dizer, regozijo na sublimidade. A esperança aqui evocada aparenta ser melancólica no sentido de ser imperfeita, assemelhando-se à descrição da melancolia no artigo da *Encyclopédie* de Diderot e D’Alembert, que afirma ser este um sentimento habitual da nossa imperfeição, muitas vezes efeito da fraqueza da mente e do corpo humanos (1772, p. 419). Isto quer dizer que se a virtude é a perfeição humana, a esperança fomenta “fantasias”, causadoras estas de melancolia, de pesar, sendo pois um estado do qual devemos nos afastar. Neste caso, o sentimento melancólico é associado a imperfeição das esperanças do sujeito poético, obtendo pois uma noção diferente da inicialmente evocada no primeiro poema analisado.

Contudo, há um soneto, “Arguindo-me várias pessoas de fazer sempre versos tristes”, no qual podemos identificar uma referência ao estado melancólico realmente associado à ideia moderna de depressão, ou mais “freudianamente” falando, ao conceito de luto. Não querendo “psicanalisar” a poesia da Marquesa, nota-se que aqui o “eu” lírico não se volta para si mesmo, aniquilando-se, mas demonstra um estado de “luto” em consequência de uma atitude passiva perante a vida.⁹ Observa-se que a melancolia é necessária à existência do sujeito poético como sendo sua única companheira de diálogo num mundo de solidão, que só não é mais triste devido, precisamente, a esta companheira feroz:

⁸ É o que acontece também, e mais precisamente, em “Partindo Piério para Salvaterra e deixando-nos cheias de saudades”, alusão direta ao pseudônimo do seu irmão, D. Pedro D’Almeida, que ausente lhe inspirou este soneto no qual canta “tristíssimas saudades” (ALORNA, 2007, p. 101). Ou como também no poema “Em dia dos meus anos”, no qual, acima de tudo, vive-se de infortúnios, cremos que numa clara alusão de tantos anos numa prisão forçada no convento: “Dia cruel, no qual ao bem resiste/ A memória de uns anos desgraçados./ Ou brilha vencedor de injustos fados. Ou não tornes a vir como hoje triste” (ALORNA, 2007, p. 106).

⁹ Acreditamos que o estado descrito neste poema se associa mais à ideia de luto do que à de melancolia difundida por Freud, isto porque, como explica Maria Cintra, “no luto é possível, em certo sentido, superar a perda e depois de um tempo, interessar-se de novo por pessoas e lugares, novos rostos; acontece um renascimento dos investimentos de objeto, da libido que se dirige ao mundo. Na melancolia há perda de autorespeito, desautorização de si e do outro, o ego fica pobre e vazio” (CINTRA, 2011, p. 23).

Linda cena, espectáculo diverso
 Embora alegre o mundo me apresente,
 Que em luto, isto que choro amargamente,
 Me sepulta o vastíssimo Universo.
 Jamais um dia alegre me afigura
 A incerta e voadora fantasia,
 Que a mágoas o não transborde em sombra escura.
 Que quereis que vos diga da alegria,
 Se vítima da negra desventura
 Sirvo sempre a cruel melancolia?! (ALORNA, 2007, p. 103)

Apesar de o universo à sua volta se mostrar vivamente enaltecido, um estado mental de insatisfação persistente causa-lhe amarguras, através de um “choramingar” que tenta consolar-se a si mesmo, num constante sentimento de autocomiseração. Diferentemente do que já foi visto, a personificação da melancolia revela-se agora não como a fada madrinha que apazigua a sua tristeza, mas sim companheira malévola que castiga um “eu” subserviente, predestinado a este luto, a esta “negra desventura”.

No entanto, numa maneira de demonstrar sua capacidade de emanar entristecimento, um outro soneto sem título, o “eu” supervaloriza-se no seu próprio descontentamento, projeção essa tão sublime que causa inveja e despeito a outrem, visto que esta emoção quase que se configura como virtude e superioridade:

Eu cantarei um dia de tristeza
 Por uns termos tão ternos e saudosos,
 Que deixem aos alegres invejosos
 De chorarem o mal, que lhes não pesa. (ALORNA, 2007, p. 108)

Fica evidente, então, que nos sonetos da Marquesa de Alorna a condição pesarosa da melancolia pode ou não ser aprazível, dependendo da forma como é, ou não, expressada.

Porém, em outro soneto, “A Jesus Cristo”, os versos se aproximam do conceito de melancolia sintetizado por Bluteau, com relação direta à noção de pecado e/ou culpabilidade, visto que o “eu” lírico clama redenção, numa nítida súplica em sair dos tormentos em que vive:

Se a dar-vos morte, ó Deus! um só pecado
 Bastou que Adão tivesse cometido,
 Eu, que em tantos meu Deus! hei delinquido
 Quantas mortes vos tenho renovado...!
 Adão, de um só delito horrorizado
 O deixou no seu pranto submergido;
 Porém meu coração endurecido
 Não duvidou mil vezes ser culpado.
 Eu fui, Senhor! eu fui quem descontente
 Da morte que vos deram sem piedade,
 O peito vos rasguei, mais cruelmente.
 Se não lavam a minha iniquidade
 As lágrimas que choro amargamente
 Ai de mim! Na espantosa eternidade. (ALORNA, 2007, p. 121)

Ideias também presentes num outro soneto sem título:

Se me aparto de ti, Deus de bondade,
 Que ausência tão cruel! Como é possível
 Que me leve a um abismo tão terrível
 O pendor infeliz da humanidade!
 Conforta-me, Senhor, que esta saudade

Me despedaça o coração sensível;
 Se a teus olhos na cruz sou desprezível,
 Não olhes para a minha iniquidade.
 À suave esperança me entregaste,
 E o preço de teu sangue precioso
 Me afiança que não me abandonaste.
 Se justo, castigar-me te é forçoso,
 Lembra-te que te amei, e me criaste
 Para habitar contigo o Céu lustroso. (ALORNA, 2007, p. 122)

Recorrendo ao mito do pecado original, no primeiro soneto, a figura de Adão (e não de Eva) é usada como comparação para o “eu” lírico que admite suas culpabilidades e chora compulsivamente com o intuito de que suas lágrimas lavem sua iniquidade. Só com o arrependimento e o reconhecimento de sua faltas, numa atitude de redenção, é que se poderá, um dia, alcançar algum tipo de regozijo, quase como numa tentativa de livrar-se do seu pecado que demasiadamente lhe atormenta.

Já no segundo soneto, o “eu” poético reveste-se da imagem de Jó suplicante; neste caso, interpela Deus no sentido de despertar a sua compaixão para o seu estado deplorável, entendendo-se a injustiça em que vive como lugar metafórico descrito como um “abismo tão terrível” (ALORNA, 2007, p. 122). Apesar de se assumir iníquo, reconhecendo os seus erros e, ao mesmo tempo, se equiparando a Jó no sofrimento e devoção divinos, o “eu” lírico crê que o amor e a espera podem reverter o seu estado, tornando-o merecedor da salvação. Tais ideias parecem consoar-se por aquilo que é descrito na *Encyclopédie* referindo-se a uma melancolia religiosa, forçosamente imposta pela Igreja Católica: “Tristesse née de la fausse idée que la religion proscrit les plaisirs innocens, & qu’elle n’ordonne aux hommes pour les sauver, que le jeûne, les cormes & la contrition du coeur” (1772, p. 417-420).

Contudo, há um poema-chave para o entendimento deste conceito na obra da Marquesa de Alorna, intitulado “Em resposta a Natércia”. Veja-se:

No vaso letal da melancolia,
 Que contém mil licores denegridos,
 Os Deuses dos humanos condoídos
 Laçam o dom feliz da Poesia.
 Co’este dom que desfêcha a luz do dia
 S’interpretam mistérios escondidos
 Reanimam-se os mais desfalecidos.
 A dor s’esfuma, aplaca-se a agonia. (ALORNA, 2007, p. 157)

De acordo com este texto, só aqueles que beberam deste licor “denegrado” é que terão o dom da poesia e, concomitantemente, a única forma de superar ou conviver com a melancolia é através da arte poética, dom divino capaz de restituir a quimérica de contentamento, proporcionando um “bem estar” que é unguento para a sua chaga. A poesia é a panaceia contra todos os males como assim corroboram vários críticos. Por exemplo, Vanda Anastácio, quando refere que a escrita poética parece ter sido encarada pela autora, durante toda a sua vida “como uma forma de consolação da dor ou de compensação para um mundo que se revela demasiado violento, ou demasiado injusto para com alguém que se via como um sujeito sensível em busca de afecto e defensor da Justiça e da Virtude” (2007, p. 72). Já Maria Manuela Pardal Krühler diz que “a escrita aparece como uma libertação para os males, sejam eles os do corpo ou da alma” (2001, p. 271), e Hernani

Cidade afirma que “as apreensões melancólicas da filha que vela junto da mãe enfêrma e assim opõe a realidade da vida à reminiscência dos livros” (1941, p. XLIX).

Em suma, numa poética marcada por um certo dissabor, encontramos várias formas de encarar a melancolia, todas elas com múltiplos sentidos ou vários “estados de alma”, que embora se revelem destrutivos para o ser humano se mostram construtivos para a inspiração poética. Esta ganha pertinência no sentido de que desperta no leitor contemporâneo várias reflexões, ao demonstrar como o lexema “melancolia” evoluiu. A Marquesa, dentro das imposições sociais do seu tempo, atribuiu à sua poética um tom melancólico equivalente a um castigo divino, passando por noções aristotélicas, como as do excesso criativo dos artistas, até um tipo muito específico de melancolia, o luto, apenas muito posteriormente teorizado por Freud. A Melancolia será assim uma “persona”, subserviente ou em pé de igualdade com a autora, com quem esta trava um diálogo segundo o compromisso que tem com a literatura, relação essa entendida pela escritora como dádiva divina. Desta forma, fica comprovado como a arte pode ser o subterfúgio, a “válvula de escape” para o vate que, vivendo num plano superior, consegue transformar as tragédias de sua vida em criações artísticas, reveladoras de vários espaços, vivenciando o seu tempo, mas também o passado e antecipando o futuro, carregando o discurso melancólico de sensibilidade e destreza líricas.

REFERÊNCIAS

- ALORNA, Marquesa de. *Sonetos*. Edição de Vanda Anastácio. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.
- ANASTÁCIO, Vanda. Introdução. In: ALORNA, Marquesa de. *Sonetos*. Edição de Vanda Anastácio. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007. p. 11-73.
- ARISTÓTELES. *O Problema xxx: o homem de gênio e a melancolia*. Tradução de Jackie Pigend. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1998.
- BLUTEAU, Rafael, C. R. et al. *Vocabulário portuguez e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasílico, comico, critico, chimico, dogmatico, dialectico, dendrologico, ecclesiastico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero... autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos...* Coimbra: no Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712. – 1728. p. 104. v. 7. Disponível em: <<http://purl.pt/13969>>.
- BRANCO, Felipe de Oliveira Castelo. *Tristes tópicos: um estudo sobre a melancolia em Freud*. Dissertação – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://www.pgpsa.uerj.br/dissertacoes/2009/Dissert_felipe.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2014.
- CHAUFÉ-BERLINCK, Luciana. Melancolia e Contemporaneidade. *Cadernos Espinosanos*, n. 18, p. 39-53, jan.-jun. 2008. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/df/epinosanos/ARTIGOS/numero%2018/caderno%2018.pdf>>. Acesso em: 14 jan. 2014.
- CIDADE, Hernani. Prefácio. In: ALORNA, Marquesa de. *Poesias*. Edição de Hernani Cidade. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1941. p. IX- LI.
- CINTRA, Elisa Maria Ulhôa. Sobre luto e melancolia: uma reflexão sobre o purificar e o destruir. *ALTER – Revista de estudos Psicanalíticos*, v. 29, n. 1, p. 23-40, 2011. Disponível em: <<http://www.spbsb.org.br/02.%20elisa.pdf>>. Acesso em: 14 fev. 2014.
- DIDEROT, Denis; D'ALEMBERT, Jean. *Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers*. Paris: Roy, 1772. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?id=GA4PAAAAQAAJ&lpg=PA417&ots=6W71niCp8r&dq=Encyclop%C3%A9die%20ou%20Dictionnaire%20raisonn%C3%A9%20des%20sciences%2C%20m%C3%A9lancolie&pg=PA417#v=onepage&q=Encyclop%C3%A9die%20ou%20Dictionnaire%20raisonn%C3%A9%20des%20sciences.%20m%C3%A9lancolie&f=false>>. Acesso em: 14 jan. 2014.
- FREUD, Sigmund. Luto e Melancolia. In: _____. *Introdução ao Narcisismo e outros textos. Obras Completas*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 127-144. v. 12.
- KRÜHLER, Maria Manuela Pardal. Doença, melancolia e compensação na poesia e nas cartas de Alcipe. In: THIELE-MANN, Werner (Org.). *Século XVIII: Século das Luzes – Século de Pombal*. Frankfurt am Main: TFM, 2001. p. 265-278.
- KRÜHLER, Maria Manuela Pardal. Escrita e melancolia: as cartas de Alcipe. In: ALMEIDA, Teresa Sousa De (Org.). *Correspondências*. O género epistolar. Lisboa: Edições Colibri, 1998. p. 89-94.

MATOS, António Coimbra de. Depressão, depressividade e depressibilidade. Separata de *O Médico*. [S.l.: s.n.]. 1980. v. 95, n. 1496, p. 190-194.

TISSOT, Samuel Auguste. *De la santé des gens de lettres*. Lausanne: Chez Franç. Grasset & Comp., 1775.